

O presente artigo se propoe ilustrar a situacao de judeu assimilado a cultura ocidental por um exemplo concreto:

Nutro, ha algum tempo, suspeita que o pensamento e a acao humana nao passam de jogo combinatorio com os dados de um "programa". Que a vida humana vai realizando as virtualidades contidas em tal "programa". E que tais virtualidades sao fundamentalmente de duas origens: sao "herdadas", (contidas no "programa genetico"), e "adquiridas", (contidas no "programa da cultura"). Mas dou-me perfeitamente conta que a distincao entre informacoes herdadas e adquiridas nao pode ser rigorosa. Por exemplo: a fala e virtualidade inscrita no programa genetico humano, (ha orgaos e centros no neo-cortex que possibilitam ao homem, mas nao ao chimpanse, que fale), e nao obstante o homem precisa adquirir o dominio de determinada lingua, (o portugues), para poder falar efetivamente. De maneira que a lingua e virtualidade inscrita tanto no programa herdado ^{quanto no} adquirido, tanto "natural" quanto "cultural", e possivelmente nao tenha sentido querer distinguir entre o que e "natural" e o que e "cultural" no pensamento e no comportamento humano.

Mas ha mais. Ha virtualidades que vou realizando ao longo da minha vida que sao obviamente "herdadas", (jamais as "adquiri", no sentido de te-las aprendido), mas que no entanto sao obviamente "culturais", (nada tem a ver com genetica, com biologia). Entre tais virtualidades "culturalmente herdadas" constato determinados caracteristicos judeus no meu pensamento e comportamento. E isto nao como vagas generalidades, (uma determinada maneira de gesticular, um determinado tipo de humor, tendencia para determinadas doencas), mas como tracos muito especificos do meu pensamento. Por exemplo constato, surpreso, que minha argumentacao segue a estrutura da argumentacao talmudica, sem que eu tenha tido o minimo contacto com o Talmud ou com talmudistas. E constato tal estrutura em pensadores judeus, dos quais sei ou suponho que sao igualmente carentes em cultura talmudica, que a ignoram tanto quanto eu.

Tal constato da minha tendencia para a talmudizacao se da tardiamente, quando comeco a interessar-me, por razoes aleatorias, pela literatura classica judia. Dai a minha surpresa. Reconheco minha propria tecnica de reflexao em tal literatura. A tematica dos pensadores classicos me e inteiramente estranha. Se leio os midrachim, e como se estivesse lendo o Popol Vuh ou o livro tibetano dos mortos. E, no entanto, nao posso negar que a "logica" da argumentacao e identica a minha, e inteiramente ^{diferente} da logica que "adquiri", que e a logica grega. Devo confessar que tal descoberta surpreendente nao e agradavel. Nao e agradavel constatar-se que a tecnica da reflexao que aplico nao e "originalmente minha", mas resultado de um programa que nao escolhi, e do qual nao sou sequer conciente. Para superar tal aversao, para "conhecer-me a mim proprio", (imperativo grego este), obrigo-me a investigar um pouco o raciocinio talmudico, tao estranho e tao profundamente "meu".

Li esbarro contra inumeras dificuldades. Minha cultura "adquirida" nao me permite mergulhar diretamente nas fontes. Meu hebraico e aramaico e miseravelmente

mente inadequado. O estudo do Talmud se dá em contexto cultural tão exótico para mim quanto o é o contexto cultural dos Xevantes. A disciplina exigida me parece absurda, e inteiramente em desacordo com a minha maneira de comportar-me. Os valores dos estudiosos do Talmud, com os quais deveria aprender, evocam em mim a Idade média e os ayatolas persas. Não me resta senão procurar aproximar-me do Talmud pelas vias ocidentais atuais, que são minha cultura adquirida.

Comecei pois, como aprendi a fazê-lo, consultando as enciclopédias das quais disponho, Meyers Lexikon, Brockhaus, Encyclopaedia Britannica, Larousse. Ai esbarro, em Meyers Lexikon, com o seguinte verbete: "Pilpul. Metodo sofisticado-ludico do estudo talmudico, provavelmente originario do seculo 16, e abandonado atualmente. Distingue-se entre Pilpul de Augsburg, de Norimberga e de Regensburg." E de repente me lembro da expressao "cheiquerbilbel", que significa, se não estou enganado, "mentira supercomplexa e tipicamente judia". Tal expressao faz parte de dialeto judeu de Praga, falado ate meados do seculo 19, utilizado fragmentariamente e ironicamente pela geracao dos meus avos, e ouvido por mim fragmentariamente na infancia, sobretudo quando se tratava de assuntos que não devia compreender. Pois o sufixo "bilbel" é obviamente tal "Pilpul" definido no verbete do Meyer.

O Pilpul chega pois até a minha consciencia por dois caminhos convergentes. Pelo caminho da enciclopedia, e pelo caminho da infancia vagamente relemburada. Dois sentimentos contraditorios se apoderam da minha mente. Um é o sentimento de repulsa conotado por "cheiquerbilbel": talmudizar e mentir de forma supercomplexa. O outro sentimento é de angustia: a cultura judia de Praga, outrora articulada pelo dialeto ha muito esquecido, foi aniquilada, e eu sou um dos ultimos remanescentes, um "ultimo mohicano". Sem ter jamais efetivamente participado de tal cultura. De maneira que preciso investigar um pouco mais de que se trata no Pilpul.

Verifico, por metodos que não exporei aqui, que a definicao de Meyer é ao mesmo tempo correta e falsa. É correta no segundo sentido: De fato, Pilpul evoca o sofismo, por propor argumentos que levam, deliberadamente, ao absurdo. De fato, Pilpul é lúdico, por consistir em jogo de proposicoes que funcionam como lances, e que visam ganhar uma partida. De fato, Pilpul é metodo usado na Alemanha por tempo limitado. Mas a definicao de Meyer é falsa no seguinte sentido: O pilpul não é sofisticado, porque não visa levar o argumento ao absurdo, mas até os limites do pensavel. O pilpul não é ludico, porque seu jogo tem meta trans-ludica, a de articular o inarticulavel. E o Pilpul não é limitado a Alemanha renascentista, mas é tecnica talmudica constante que tomou o nome Pilpul no periodo definido por Meyer.

Os trabalhos de Fackenheim permitem que vislumbre de que se trata no Pilpul. Quando procura pensar coisas impensaveis, caio em contradicoes. Por exemplo: quando penso em Deus, caio na contradicao entre a Sua onipotencia e a liberdade humana. Ou: quando penso a historicidade no sentido judeu, caio na contradicao entre a Revelacao, (Sinai), e o Afastamento, (Auschwitz). Toda a filosofie ocidental se esforca por resolver tais contradicoes, por "explicar" a liberdade humene face a onipotencia, (de Deus, da causalidade, do acaso), ou a presenca do Mal face aos designios, (divinos, da razao humana, do progresso). O pensamento judeu, ao contrario, se esforca

por salientar que tais contradicoes sao insuperaveis. Que sao sintomas da limitacao do pensamento humano. O pensamento judeu se lanca contra os limites do pensavel, nao para abolir tais limites, mas para constata-las. Isto e Pilpul. Isto e a tecnica da reflexao do Talmud.

Pois se assim for, isto explica a curiosa dinamica da reflexao judia. E ela uma danza em torno de determinado assunto, que ataca o assunto de multiplos lados, que se afasta do assunto em multiplas direcoes, e que volta sempre de novo sobre o assunto, para la se chocar com os argumentos provindos de direcoes diferentes. Alias, tal dinamica e visivel concretamente na paginacao do Talmud: o assunto no centro da pagina, e a reflexao em circulos convergentes. O horizonte da reflexao, (e da pagina do Talmud), e o impensavel, horizonte constantemente investido, e jamais alcançado. O horizonte da reflexao judia, nao importa qual o seu assunto, (seja ele um ovo botado no sabado, ou como fazer a barba), e sempre Deus. Nao se trata pois de "teologia": a teologia fala "sobre" Deus, enquanto a reflexao judia fala sobre nao importa o que menos Deus, mas o faz para mostrar que nao se pode falar "sobre" Deus. A reflexao judia, o Pilpul, e anti-teologia, demonstracao da impossibilidade de toda teologia.

Nao sei se minha interpretacao do Pilpul e "ortodoxa". Nao importa. O que importa e que reconheco em tal interpretacao minha propria tecnica de refletir sobre nao importa que assunto. E nao apenas reconheco minha propria tecnica, como a tecnica de numerosos pensadores judeus. A de Freud, a de Marx, a de Husserl, para citar apenas os exemplos que ocorrem espontaneamente. E, por certo, reconheco em tal tecnica toda a tendencia aparentemente rumo ao absurdo, mas na realidade rumo ao inefavel, desde Jo ate Kafka. O choque que ressinto, e que estou procurando transmitir ao leitor deste artigo, e que tudo isto, Freud, Marx, Husserl, Jo, Kafka, minha propria tecnica de pensar e provavelmente a do meu leitor judeu, esta inscrito num "programa" do qual nao temos consciencia, mas que e "cultural" sem ter sido "adquirido".

Esta e pois a tragedia do judeu assimilado: que esta programado por cultura que nao adquiriu. Goethe diz: "Was du ererbt von deinen Vaetern hast, erwirb es, um es zu besitzen". (Adquirira a heranca dos teus pais para poder possui-la). Mas como adquirir tal heranca, se nos faltam os instrumentos para tanto?